

tarde, ou das fragrâncias mais sutis como as dos sabonetes e alfazemas de Marilinda, a única mulher glamourosa de Venteiros por conta dos seus cabelos escandalosamente oxigenados na cor loiro platinado.

Primeiro, como seria de se esperar naquele lugar onde Judas perdeu as botas, a criatura se fez anteceder pelo cheiro. Não um desses comuns de comida ou de privada, mas um bodum capaz de tontear até o padre Wolfgan Wagner, que àquelas alturas, depois de bem forrado o estômago, se preparava para dormir debulhando um terço de intermináveis ave-marias e pais-nossos.

Esse sinal assustador se originou, justamente, do tufo de bananeiras que verdejavam ao luar bem no quintal de Zeca Mata Boi. Foi ali que o fedor eclodiu como uma bomba de enxofre caída no fim do mundo. E o pior de tudo ficou por conta do prolongado uivo, que começou fino de cortar e acabou num borbulhar cavernoso, capaz de assombrar até o mais destemido, apesar de que esta parte só foi descrita por Rosicleide, a única a ouvir o pavoroso ruído como uma serenata saída das profundas. Mas ela jurou que escutou e todos lhe deram crédito pela primeira vez em sua vida. E assim, Rosicleide, que por sem graça se dava, percebeu-se importante e foi grata ao se-resteiro das trevas.

Depois do acontecido daquela noite de enxofre, ninguém ficou mais sossegado. Qualquer barulho no quintal depois de todos recolhidos dava o alarme para a instalação do terror. Por que o cachorro latiu? Por que a bulha no galinheiro? Por que a coruja piou? Hum! Que noites! Que sombra é aquela que se estende lá fora tão incompreensível em seus formatos? Tudo que era normal foi virando assombração. E todos esperavam pela criatura que não se sabia quem era. Mas era.

Na noite seguinte nada aconteceu. Nem na outra. Nem na outra. Apesar de que o medo persistia no fundo de cada um como se tivesse impregnado seus espíritos tal qual um cheiro. Parecia até que tudo voltava ao normal, e o jeito era ver televisão antes de dormir a fim de mergulhar em fantasias mais aprazíveis. Durante o dia os afazeres de sempre dominavam as ocupações, ainda que a desconfiança levasse sempre a se olhar de esguelha para os cantos da rua, para as adjacências do coreto, para o fundo dos quintais que entretanto só vicejavam de galinhas e cabras, animais entretidos com as pequenezas do seu existir.

Todavia, na semana seguinte, bem lá pelas tantas de um sábado quando a lua se desvanecia por detrás das nuvens, aconteceu o inusitado dos inusitados, suscitando em todos um horror tão grande, que ninguém mais se atreveu a pôr a cabeça porta afora depois das badaladas do Ângelus.

Tinha de ser, não é? Tinha de ser. Pois foi com Rosicleide. Não se sabe se por teimosia ou por descuido, a moça cismou de lavar toda a roupa da casa no Turvo do Embaré Quase, nos princípios do anoitecer, com o sol descambando pelos confins das montanhas e se afundando no rio. E quando veio o cheiro de torresmo frito das seis horas, Zeca Mata Boi chegou e se assentou à mesa. Olhou ao redor e percebeu que faltava um membro da família.

Perguntar a Serafina o que tinha acontecido com a filha de dezenove anos era besteira. Serafina só entendia de suas panelas. Tinha parido onze filhos que estavam vivos e onze que haviam morrido, uns no ventre, outros muito pequenos. E pronto. E chega. Era de poucos falares. Carrancuda. Prestes a explodir em iras verbais incompreensíveis.

veis. Também pudera, com a vida que levava! Daí não adiantava perguntar coisa nenhuma.

Virou-se, então, Zeca Mata Boi e fitou a filha mais nova como se a visse pela primeira vez. Ela era desempenada mas tinha as mesmas feições duras da mãe, como uma cópia mais jovem. Seu olhar passava pela janela e se perdia em distâncias misteriosas, só suas, só escuridões. Mesmo assim, aqueles olhos de toque bovino traíam uma certa aflição, como se sem a irmã lhe faltasse uma parte de si mesma com a qual já estava acostumada.

Então, Zeca Mata Boi perguntou à sua filha Miralice, mais conhecida por Mira, o que tinha acontecido com Rosicleide que não estava ali pela primeira vez em dezoito anos. Mira não sabia e desatou em convulsivo pranto, assustando até o cachorro Bilu que tirava uma pestana. O animal deu um pulo e partiu rumo às bananeiras, donde consta, nunca mais saiu, pois não foi visto por mais nenhum vivente.

Agora, sim. Agora, sim. O que poderia fazer Zeca Mata Boi com todas suas limitações? Achou que o jeito era puxar o tamborete para perto da porta aberta, assentar-se e vigiar de perto a noite e suas novidades. Afinal, não sabia se Rosicleide tinha se mandado como seus outros nove irmãos, que pouca satisfação lhe deram ao sair de casa, o que afinal seria o máximo de afronta porque ela era mulher e donzela na espera de alguém, quem sabe, que a levasse ao altar.

Mas ele ficou lá na porta aberta. Fitando os escuros com seus olhos suínos encravados na cara, pitando um cigarrinho de palha enrolado no capricho para espantar a solidão. Foi ficando e nada de nada. Até que o sono o transformou numa massa informe, colorida pelas chamas do fogão sempre aceso por conta do bule de café pousado

sobre a trempe. E assim, nos descampados dos seus cansaços, emoldurado pela porta aberta, se configurou assustador para algum vizinho desconfiado, que chegou a cogitar que era a criatura e não o próprio Zeca Mata Boi que montava guarda na casa. Isso deu o que falar e confundiu muita gente, ainda mais depois que sucedeu o pior. E o pior, digamos assim, faço questão de contar, pois nada deve ser omitido em se tratando dessas estranhas ocorrências.

Pois muito que bem. Naquela noite de aflições, lá pelas tantas, Rosicleide, também conhecida por Rosi, resurgiu das trevas das bananeiras. Vinha cambaleando, roupas em frangalhos, cabelos em desalinho, roxos pelos braços, machucões por todo o corpo. Do modo que chegou desabou desmaiada aos pés do pai que resfolegava pior que locomotiva. E como nada neste mundo, nem o maior dos estrondos, pode tirar Zeca Mata Boi das profundas do seu sono, só ao raiar do sol ele acordou e viu as condições da filha ainda inerte, mortalmente pálida, em miserável estado que demandava cuidados hospitalares não disponíveis em Venteiros.

A partir daí tudo virou um pandemônio: Serafina estática, rígida, olhos esbugalhados fitando um canto só; Miralice aos berros histéricos e ininterruptos, pondo Zeca Mata Boi mais maluco do que ele já estava; o ajuntamento de desocupados que sempre brota perto das tragédias com rapidez espantosa.

Felizmente, sempre aparece também nessas ocasiões um filho de Deus capaz da iniciativa de atendimento à vítima. O que aconteceu. E lá se foi a pobre Rosicleide, levada ainda desmilingüida na carroça de Chico das Dores para o hospitalzinho de Anunciação das Antas, localidade próxima uns quarenta quilômetros de Venteiros.

O sucedido acionou o horror geral, e não houve naquelas paragens quem duvidasse da presença de uma estranha criatura. Fora a criatura e mais ninguém o causador dos males de Rosicleide, de cuja donzelice todos passaram a duvidar.

Para complicar ainda mais, Adamares, o dono do armazinho da esquina, encafifou de querer saber notícias imediatas de Rosicleide. Ligou para o hospitalzinho Santa Filegarda em Anunciação das Antas, perguntando sobre o estado da infeliz, no que foi informado pela enfermeira (que nas horas vagas fazia faxina no motel localizado nas proximidades da cidade) que o doutor Erovildo ainda não havia pronunciado um diagnóstico.

Essa informação padeceu de várias interpretações por parte dos venteirenses, tendo prevalecido a de “ferimentos por causas desconhecidas”, sentenciada por seo Ermelindo o farmacêutico, que por seu notório saber em questão de ervas medicinais jamais poderia ser contestado nessas coisas de saúde.

Ninguém se lembrou de cogitar que a falta de diagnóstico podia estar ligada ao simples fato de que Dr. Erovildo ainda não havia examinado o caso, justamente por estar num daqueles seus prediletos momentos etílicos. Naquela situação era difícil diagnosticar ou medicar, embora não impossível, correndo os pacientes algum risco de serem operados em locais diversos dos adequados, como o caso daquela menina que teve um rim extraído ao invés de engessado o dedão do pé esquerdo, torcido numa brincadeira.

Mas o que acontecia geralmente ao doutor durante seus pileques podia ser comparado ao estado de anestesia geral. Ele simplesmente capotava e se quedava inerte, meio corpo dobrado sobre alguma maca solta no corredor, bra-

ços espichados para a frente, o resto no chão, ajoelhado, como numa posição de prece alcoólica. Não dava para tirá-lo das profundezas dessa situação de um momento para outro. E dizem que muitas mulheres de Anunciação das Antas e entornos tiveram que se virar para parir sozinhas e de cócoras, tal qual índias, só que aos berros e em dores descomunais. Dizem até que, no meio de suas aflições e desesperos, dona Quiterinha do Chapadão deu à luz uma robusta menina em cima de uma pia do hospital Santa Filegarda. Mãe e filha passaram bem depois, mas Dr. Erovildo nunca se deu conta do ocorrido, sempre envolvido com outros pacientes, ou mergulhado na caninha Onça Preta, patrimônio histórico de Venteiros.

Tudo isso acabou por conferir fama de insensível ao doutor, que em certos dias, bebum ou não, se recusava a atender a turma do INPS, alegando detestar pobre. Mas o que havia de se fazer, se ele era o único médico nos arredores?

Mas o certo é que, com diagnóstico ou sem diagnóstico, o telefone do hospitalzinho Santa Filegarda não parou mais de tocar enquanto Rosicleide lá esteve internada por treze dias e treze noites. Kelly Divonete, aquela telefonista do hospital da qual diziam ser muito sirigaita, ficou cansada de tanto atender gente que lhe perguntava se a criatura não havia aprontado mais. Ela respondia que nenhuma outra vítima fora posta sob os cuidados do Dr. Erovildo naqueles dias, exceto os que já estavam internados e já nas últimas, ou aqueles que compareciam apenas para tomar injeções na veia, fazer inalações, pegar amostras grátis de remédios, queixar-se de uma dorzinha de estômago ou de uma desinteriazinha, enfim, essas coisinhas hospitalares tão queridas pelo povo incapaz de viver sem freqüentar os corredores de Santa Filegarda, sempre

lotados para desespero do Dr. Erovildo, que buscava alívio na Onça Preta. Mas entre os doentinhos e os candidatos a doentinhos, mais nenhuma mulher com ferimentos desconhecidos foi detectada.

Era isso que informava Kelly Divonete, a safada da telefonista. Informação por sinal inútil, sem nenhuma credibilidade. O que corria solto em Venteiros era que a criatura continuava a aparecer e a atacar, e se ninguém no hospital queria contar a verdade, era porque o prefeito e o delegado de Anunciação das Antas haviam exigido sigilo absoluto das investigações.

Mas como era a criatura? Bem, as descrições não batiam muito. Cada um em Venteiros tinha uma estória para contar a respeito dela, e cada qual a enxergava de um jeito diverso.

Dona Jandira, por exemplo, mulher forte como um touro, melhor dizendo, como uma vaca, de gestos sempre destemidos e fala alta, contou a um grupo estarecido, em plena praça pública, que vira a coisa no seu quintal, cinco minutos antes do relógio da igreja soar meia-noite. E apesar do escuro e da greta estreita da janela, seus olhos empapuçados enxergaram claramente a figura do bicho mofento que lhe surrupiava do varal umas cuecas novas do marido, que ela lá havia deixado por descuido. Era uma coisa alta, peluda, com focinho de porco, rabo de cachorro, garras de unhas compridas e pés de pato, que uivou malignamente, arrebanhou as cuecas novas do Genevaldo e se mandou na escuridão. Dona Jandira, coitada, desmaiou, e o marido quase teve um infarto tentando levantar aqueles cento e tantos quilos do assoalho.

Mas não foi assim que o diacho do negócio foi visto por Marilinda. A glamourosa Marilinda de cabelos platinados que cheiravam a alfazema. Sua descrição raiou a

um certo romantismo do terror, digamos assim, porque a criatura lhe aparecera de forma um tanto atrevida. Ficou parada na varandinha do seu quarto, olhando-a com uns olhos avermelhados, ao mesmo tempo ferozes e queixosos. Era muito alta e pálida, tinha uma capa enorme e preta e mais nada sobre o corpo magérrimo, dentes alvíssimos e pontiagudos, longos cabelos alourados, e flutuava num vaivém de fazer gosto, com aquela inquietude bestial e típica dos monstros da noite.

Depois de alguns momentos daquele intenso fitar, que deixaram Marilinda transida de terror e mais não sei o quê em sua cama, a espécie de vampiro levantou vôo e se foi para sempre, contrastando sua silhueta com o pedaço de lua crescente que vagava pelos céus da madrugada. Foi-se deixando um rastro quente que aqueceu o quarto todo. O calor chegou a chamuscar os babados da colcha azul de Marilinda, e a murchar as flores que haviam sido postas no vaso pela manhã. A moça mesmo sentiu um abrasamento inexplicável, e teve uma febrícula que durou uma semana.

Mas a criatura não era tão inofensiva assim, segundo Craudionor Testa Verde, dono do posto de gasolina. Seus dois cachorros fila e mais da metade das suas galinhas tinham sido devorados por ela. Ver a cara do capiroto, Craudionor não vira, porém o rastro de sangue no quintal e as penugens que esvoaçavam sobre o canteiro de couves eram provas mais do que suficientes da presença da criatura. E Craudionor deu em perder o sono, com medo da coisa ruim levar também seus cinco filhinhos, tão rechonchudinhos, para uma refeição mais alentada.

Uma descrição também interessante que correu de boca em boca ficou por conta de Creuzanir Osvaldo, homem sisudo, incapaz de contar lorotas a torto e a direito, e que

narrou o que lhe ocorrera tremendo a voz e o corpo.

Foi numa terça-feira com aparência inofensiva, como são as terças-feiras, e, no entanto, ficou fácil para Creuzanir distinguir o feitio do monstro. Não havia dúvida. Para ele aquilo era lobisomem legítimo. O pêlo comprido, a dentuça descomunal, as orelhas pontudas, as garras, aquele rabo nojento de comprido e fino, e o assobio... Ai! O assobio! Penetrante, retumbante. Esfarelando em ecos que pulavam de bananeira em bananeira por toda Venteiros. A criatura dançou uma dança desenfreada ali mesmo na rua, sob a luz mortiça do poste e diante da janela do Creuzanir, que tudo fitou com olhos baços de horror. Depois, com gestos obscenos partiu, batendo os cascos nas pedras do calçamento e deixando o pobre coitado do Creuzanir em estado de choque. A cena foi horrenda de se ver, e durante anos seguidos o infeliz teve de tomar maracujina para poder pegar no sono. Mesmo assim, ao mais simples ruído que viesse da rua, como o trotar de um burro madrugador, ou o assobiar do pipoqueiro Luchovaldo voltando da farra, Creuzanir, homem sisudo e respeitado em sua cidadezinha, acordava estremecendo, punha os óculos e chorava como um bebê nos braços de sua não menos apavorada mulher Anazilda.

Sim, era uma chuva de comentários aterrorizantes que caía todos os dias sobre a pequena Venteiros, enquanto duraram os treze dias e as treze noites da internação de Rosicleide. Cada habitante do lugar parecia querer contar um caso pior que o outro. Aliás, quem não apresentava nenhuma versão sobre a criatura passava por cretino, e era rebaixado na estima grupal. E, lógico, ninguém gosta disso. Desse modo, continuava em curso aquele turbilhão de estórias do outro mundo, que só faziam mergulhar a população de Venteiros numa espécie de Apocalipse.

Era como se o final dos tempos houvesse chegado, e todos rezavam pela normalização dos fatos, sentindo saudades da vidinha pacata em que qualquer possível terror só era visto nos filmes de ficção da Rede Globo. Agora, não. Cada um estava cara a cara com seu demônio, ou quem sabe, com seu alien particular.

De fato, chegou-se a pensar se a criatura não tinha vindo de outro planeta. Afinal, houve um tempo em Venteiros em que muita gente boa viu disco voador. Foi lá pelas bandas do Araçá Sapinho, aquele morro mais alto onde principia a estrada que conduz a Anunciação das Antas. Seo Quelucho viu. Seo Aderino também. Seo Riomar, da mesma forma. E em ocasiões diferentes. De tanto se falar no assunto, Marilinda chegou a sonhar que estava sendo raptada por um ser baixinho e esverdeado, mas muito forte, que a levou a passear numa nave espacial e lhe fez coisas inconfessáveis. O sonho ela deixou transparecer numa conversa meio velada, mas salpicada de significados. Então, por que a criatura não poderia ter vindo de outro mundo, cheia de intenções hostis? Era algo a se escarafunchar na idéia.

Hum! Mas, não. Para Marcilene essa conversa de alienígena não pegava. Ela não acreditava de jeito nenhum. Com umas tintas de estudos que fizera no colégio das freiras Leopardinas, em Anunciação das Antas, preferia ver a vida de forma mais racional, e vivia criticando o povo de Venteiros, que considerava uma bugrada atrasada e jeca. Entretanto, teria sua incredulidade castigada, porque dessas coisas incompreensíveis o mundo está cheio.

Marcilene, para quem não conhece, é uma moça de boa altura, tem trinta e oito anos, cintura fina, perna grossa, olhar de mormaço, e anda rebolando pela rua como se estivesse numa passarela imaginária, o que faz o gosto

dos poucos rapazes de Venteiros, recriminados pelo padre Wolfgan Wagner que costuma dizer em seus sermões dominicais: “Esses moços ficam olhando as moças que passam com o porão da alma”. O padre dizia isso com sotaque alemão, acentuando o erre de porão: “porrrrão da alma”.

Apesar da idade já meio vencida para essas coisas, Marcilene tinha um desejo obstinado: ser Miss Venteiros. Pelo menos é o que consta dos mexericos locais. Só que nunca houve concurso naquele lugarzinho metido a besta, e o tempo foi passando sem que a oportunidade se apresentasse para a realização de tal sonho.

Pois bem, Marcilene, em todo caso *miss* por não ser casada, mora com a irmã, o chato do cunhado e os seis sobrinhos endiabrados, no final da rua única. Mais para lá um pouquinho fica o cemitério, que pode ser avistado em plenitude da janela do seu quarto situado no segundo andar, na parte de trás do sobrado. Todas as noites, antes de adormecer e sonhar com a faixa de Miss Venteiros, ela gosta de se debruçar à janela e deixar o olhar vagar distraído por sobre campas e bananeiras, perdida em pensamentos muito dos seus que lhe dão uma feição enigmática e distante, deixando-lhe os olhos um pouco vesgos e a boca descaída para o lado direito de onde sai um charmoso fiozinho de baba, justo no lugar onde lhe falta um dente.

Pois bem, numa noite em que Marcilene assim mirava desvanecida túmulos e bananeiras em flor, deu-se o sucedido. Foi exatamente no nono dia do internamento de Rosicleide no hospital Santa Filegarda em Anunciação das Antas, quando o relógio da igreja desferiu doze badaladas que cortaram como facas afiadas o silêncio reinante. Toda cidade dormia, recolhida como de praxe depois de no máximo o Jornal Nacional. Ventava o vento de sem-